

As interações musicais de um bebê com Síndrome de Down, num contexto de musicalização de bebês

GTE 10 – Educação Musical na Infância

Comunicação

*Diocelena dos Santos Miranda
Universidade Federal de Pelotas
diocelenamiranda@gmail.com*

*Regiana Blank Wille
Universidade Federal de Pelotas
regianawille@gmail.com*

Resumo: Este trabalho relata uma pesquisa que objetivou analisar as interações musicais de um bebê com Síndrome de Down, descobrir como acontece seu processo de aprendizagem dos conteúdos musicais e identificar que estratégias são mais eficazes para uma melhor educação musical. A metodologia adotada foi o Estudo de Caso e as técnicas utilizadas para coleta de dados foram gravações de vídeo, observações e entrevista semiestruturada com a mãe do bebê. Como resultados, pude verificar que através das brincadeiras musicais, gestos e imagens utilizados no projeto, o bebê passou a comunicar-se de forma mais expressiva, relacionou gestos executados no momento da aula a tarefas do cotidiano, bem como estabeleceu laços de amizade e gosto pelo fazer musical em grupo.

Palavras-chave: Educação Musical. Musicalização para bebês. Síndrome de Down.

Introdução

Considero que vivenciar à docência é também procurar estratégias para que o conteúdo de cada aula possa ser aproveitado por todos os alunos a fim de que a aula possa ter sentido. É preciso estar atento ao fato de que os alunos são pessoas diferentes entre si naturalmente, tendo em comum a faixa etária e a necessidade de aprendizado, além dessas diferenças naturais, encontraremos alunos com deficiências diversas, pois eles também estão na sociedade e têm direito ao acesso à educação, e nós professores temos o dever de incluí-los nos nossos planos de aula.

Sendo assim, este trabalho foi pensado partindo de uma vivência durante a graduação, onde pude trabalhar como monitora em um projeto de extensão de musicalização para bebês, este projeto tem uma professora coordenadora que foi a idealizadora e é quem faz o planejamento das aulas embasados em pesquisas voltadas a educação musical infantil e inclusão, e posteriormente faz reuniões semanais para que os monitores estejam seguros do que estão fazendo bem como, compreendam o porquê de cada brincadeira musical.

Em tempos “normais (sem pandemia)” o projeto de musicalização para bebês funcionava de segunda a quinta feira em turmas separadas por faixa etária, as crianças que participavam possuíam entre zero e dois anos, eram duas turmas por dia com duração de 30 minutos cada aula e com no máximo 8 bebês por turma, acompanhados dos pais ou cuidadores que os auxiliavam nas atividades com gestual, e também proporcionavam segurança aos bebês para que pudessem participar mais ativamente das brincadeiras musicais, a aula era dividida em 8 partes, iniciando pela canção de saudação, seguindo para canções de aquecimento vocal (vocalizações) com movimento sem locomoção, canções com contorno melódico marcado (escalas musicais), canções com palmas e movimentos sem deslocamento, canções com movimento e deslocamento (momento de experimentar os instrumentos), momento de guardar o instrumento (devolver), relaxamento (canções de embalar), e canção de despedida.

O projeto existe há 14 anos, e acredito que seja atualmente dentro do curso o que impulsiona os estudos de educação musical e pessoa com deficiência, bem como educação musical dentro do TEA, esse processo de transformação de projeto de musicalização infantil para um projeto voltado para inclusão, deu-se em função de que no ano de 2014, ocorreu uma grande procura de pais de crianças com paralisia cerebral, síndrome de Down e transtorno do espectro autista, indicados por profissionais da saúde sendo Terapeutas Ocupacionais, psicólogos, fonoaudiólogos pois todos compreendem a importância da estimulação precoce, e além disso, a convivência em si com outros bebês.

Também conhecida como Trissomia do 21, a Síndrome de Down é uma anomalia cromossômica, o indivíduo com Down possui 47 cromossomos, enquanto as pessoas sem a Síndrome possuem 46, em pares, sendo 23 da mãe somados aos 23 do pai. Chama-se Trissomia do 21, pois Jérôme Lejeune verificou que, no caso da Síndrome de Down, há uma falha da distribuição dos cromossomos para as células, e que ao invés de receber 46, recebem 47 cromossomos e esse cromossomo a mais se liga ao par do cromossomo 21, formando a

trissomia. Após essa descoberta, Dr. Jérôme batizou a trissomia de “Síndrome de Down”, em homenagem ao Dr. John Down¹.

Num contexto de musicalização de bebês, tive como sujeito da pesquisa um bebê com Síndrome de Down, e foi possível observar seu processo de interação através da música.

Possibilidades de estimulação da criança com Síndrome de Down na Musicalização

A criança que nasce com a Síndrome de Down tem seu desenvolvimento geral mais lento do que o das crianças típicas, mas esse fato não faz com que sejam ignoradas as infinitas possibilidades de estímulos dessas crianças. Para Joly (2001) o ponto de partida que deve ser considerado durante o processo de musicalização é o contato intuitivo que as crianças possuem com a música desde os primeiros anos de vida. Enquanto acontece o processo de musicalização, a criança canta, ouve, e pode realizar movimentos corporais espontâneos, expressando-se e desenvolvendo-se integralmente. Ouvimos constantemente que o cérebro é um “músculo” e por isso precisa de muito exercício, quando nascemos com alguma área dele menos desenvolvida, podemos exercitá-la o máximo, para que ele mesmo num ritmo mais lento consiga se desenvolver satisfatoriamente. Mas é importante destacar que o cérebro não é um músculo efetivamente, ele é constituído de milhões de neurônios que estão interligados por axônios e dendritos, e esses são responsáveis pela regulação de cada função cerebral e corporal, desde respirar, comer, correr, a habilidade de raciocínio lógico, emoções etc. Embora o desenvolvimento lento seja comum às crianças com Down, todas se desenvolverão em seu próprio tempo, e sua evolução depende principalmente dos estímulos oferecidos (MATTOS, 2010).

¹ John Langdon Haydon Down foi um médico britânico reconhecido pelo extenso trabalho com crianças com deficiência mental. Nascimento 1828, Torpoint, Reino Unido. Falecimento: 1896, Teddington, Reino Unido.

A coleta de dados

As aulas no projeto de musicalização duravam de 30 minutos das quais Otávio esteve presente, aconteciam presencialmente no LAEMUS (Laboratório de Educação Musical), que está localizado no quarto andar do Centro de Artes na UFPEL. As aulas eram planejadas de forma que pudéssemos utilizar vários elementos que servissem de estímulo a todos os bebês presentes com e sem deficiências, não havia uma adaptação nas aulas que distinguisse qual atividade era melhor para qual bebê, o objetivo ali, era criar um ambiente igualitário, sendo o mais inclusivo possível, respeitando a individualidade de cada um. Em várias aulas durante o período da pesquisa nosso bebê em questão não esteve presente, segundo a mãe isso se deve ao clima do inverno (muito frio e chuvoso) e resfriados que impossibilitaram sua presença. Essa pesquisa teve a duração de 1 ano, ocorrendo 48 aulas e tendo a presença do Otávio em 32 delas, iniciando com a idade de 8 meses e finalizando a pesquisa com 1 ano e 6 meses. A metodologia escolhida para a realização deste trabalho foi a de Estudo de Caso, acontece num contexto de musicalização bebês e crianças, e buscou perceber como acontece o processo de desenvolvimento cognitivo musical de uma criança com Síndrome de Down, em uma turma de oito crianças típicas de idades distintas. Tem caráter qualitativo, pois trata de um assunto atual e os eventos acontecem contemporaneamente. Segundo Yin (2001) O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método, e que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análises de dados. Segundo André (1998) “é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural”, podemos compreender assim, pois não se trata de um experimento, não há manipulação de variáveis, todos os fenômenos que ocorrem, se dão naturalmente. O Estudo de caso pode ser um caso específico ou casos múltiplos, como se trata de uma criança, se enquadra em estudo de caso específico.

Foram filmadas duas aulas sendo a primeira no início do semestre e a segunda no final. As filmagens tiveram como objetivo observar as mudanças ocorridas durante o processo de desenvolvimento cognitivo musical do sujeito, observando o modo como interagia com a mãe, colegas e monitores no início, buscando perceber se houve mudanças marcantes nessa parte de interação e socialização, bem como seu desenvolvimento musical em si, se entoava melodias em casa, batia palmas tentando acompanhar um ritmo específico etc. Após realizar essa coleta de dados, sendo eles entrevista e observação de vídeos gravados das aulas

começou o processo de categorização para uma melhor organização. A partir dos resultados dessa organização ficaram seis categorias distintas e a partir delas foi realizada a análise. Esta começou após a categorização e foram utilizados todos os materiais coletados da entrevista e observações dos vídeos.

Grande Aliada: Educação Musical

Considerando que trabalhamos com crianças de 0 a 2 anos, muitas ainda não falam e assim utilizamos imagens, objetos e gestos no contexto de brincadeiras e histórias cantadas, para facilitar a comunicação. Foi observado que o uso de sinais (imagens e gestos) reduzem as dificuldades de comunicação em relação ao bebê participante desta pesquisa Otávio, por exemplo, quando aplicamos a atividade do “jacaré boiô”, usamos um fantoche de jacaré. Segundo sua mãe, ele já compreende a canção que virá após a aparição do jacaré. Dessa forma, a compreensão da ideia musical está completa através do lúdico. Foremann e Crews (1998) destacam que o uso de gestos ou imagens associados à fala na comunicação com crianças com SD, que ainda não desenvolveram a linguagem (bebês e crianças até 3 anos) pode diminuir as dificuldades de comunicação dessas mesmas crianças mais tarde, melhorando o padrão da fala e da linguagem.

Pudemos perceber ainda, que a função comunicativa do Otávio ficou mais desenvolvida à medida que frequentou as aulas e compreendeu rotina das atividades. Sua mãe destacou que as canções e o manuseio dos instrumentos e objetos contribuíram significativamente para tal fenômeno, como exemplo ela citou a canção “cadê, cadê”, atividade na qual, as crianças devem se esconder quando ouvem seu nome, a criança observa cada colega e sabe aguardar sua vez, e “esconder”, quando é chamado, se esconde no paninho, mostrando que foi processada de forma adequada a comunicação enviada através da ação de esconder. São momentos claros em que a interação acontece porque os bebês têm necessidade vital de interagir com o mundo e com as pessoas a sua volta (PARIZZI e RODRIGUES, 2020). A informação foi compreendida e reproduzida, quando o Otávio observava os colegas executando tal ação, percebendo que deveria fazer o mesmo quando chegasse sua vez.

Participar do projeto de musicalização tornou-se tarefa insubstituível de sua rotina, pois agora a música é uma prazerosa aliada no processo de desenvolvimento geral de seu filho. Durante a entrevista foi ressaltado o fato de que família já possuía um contato com a música em razão do avô materno dos meninos tocar pandeiro e cantar para ambos. A mãe se considerava: “péssima em música”, concluiu que seria muito válido colocar o bebê no projeto e manter o filho mais velho, pois destacou que através da música eles seriam capazes de se desenvolver mais tranquilamente. Ela argumentou ainda que vê a presença da música na vida das crianças como algo indispensável para a formação de seres humanos sensíveis, criativos e reflexivos. Assim, sendo a música é uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento saudável e uma infância mais feliz.

Bréscia (2003) aponta que a musicalização busca expandir e ativar o gosto musical, sendo esse um processo de criação do conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, imaginação, senso rítmico, concentração, consciência corporal, autodisciplina, prazer de ouvir música, também contribuindo para socialização e afetividade. Neste contexto, a mãe destaca que percebeu o quanto à música pode influenciar positivamente no humor do Otávio. Ela ressalta que ao cantar ou ouvir música ele se tranquiliza em determinados momentos. Já em outros fica animado, o que torna mais tranquila a convivência e a execução de simples tarefas diárias como trocar fraldas, dar banho e dar comida. Participar do projeto de musicalização tornou-se tarefa insubstituível de sua rotina, pois agora a música é uma prazerosa aliada no processo de desenvolvimento geral de seu filho.

Considerações finais

Diversos pesquisadores na área de Educação Musical estão cientes de que para que a criança seja capaz de participar de uma aula de música não é primordial que ela já possua linguagem falada como meio de expressão. Vygotsky (1999) aponta que a linguagem não deve ser compreendida como algo rígido, com regras determinadas, e não está restrita exclusivamente a utilização do som. Essa afirmação corrobora com Russel (2005) que sugere que as aulas de música são diferentes das outras porque não são baseadas em conversação e linguagem escrita, as atividades são geralmente colaborativas através de ações como cantar, bater palmas, gesticular e se movimentar. A partir disso, o resultado esperado em relação aos

alunos torna-se diferente já que cada pessoa se expressa de forma distinta. O fato de as aulas de músicas serem nesse formato diferente das demais é um fator fundamental para que as crianças com Síndrome de Down sejam incluídas. Como muitas delas possuem dificuldades na comunicação verbal, algumas crianças podem ser mais introspectivas naturalmente e outras apenas não se interessarem por música, o que numa aula de música seria algo bastante complicado já que as aulas são baseadas nessa troca constante de informações. As aulas de musicalização proporcionaram ao Otávio, que ainda não utilizava a linguagem verbal, um meio de comunicação eficiente que foi o da expressão corporal, o que o deixou seguro para seguir participando ativamente das brincadeiras musicais e facilitando a criação de laços de amizade com seus colegas.

Referências

DE ANDRÉ, Marli eliza. *Etnografia da prática escolar*. 2a ed. São Paulo. Papyrus Editora. 1998.

BRÉSCIA, Vera lucia. *Educação Musical: Bases Psicológicas e ação preventiva*. São Paulo. Átomo. 2003.

FOREMANN, Phill; CREWS, Geoff. *Using argumentative communication with infants and young children with Down syndrome*. Down's syndrome, research and practice : the journal of the Sarah Duffen Centre. v.5 p. 16-25. 1998.

JOLY, Ilza zenker leme. *Estudo dos efeitos da musicalização no processo de desenvolvimento geral das crianças*. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 10. Uberlândia. *Anais...Uberlândia*: ABEM, 2001. p. 121-124. 2001.

MATTOS, Bruna. *A Importância da Estimulação Precoce em Bebês Portadores de Síndrome de Down*: Revisão de Literatura. *Revista Brasileira de Terapia e Saúde*. v. 1, n. 1, p. 51-63, 2010.

PARIZZI, Betânia e RODRIGUES, Helena. *O bebê e Música* – São Paulo: Instituto Langage, 2020.

RUSSEL, Johan. *Estrutura, conteúdo e andamento em uma aula de música na 1° série do ensino fundamental: um estudo de caso sobre gestão de sala de aula*. *Revista da ABEM*. n. 12. p. 73-82. 2005.

VIGOTSKI, Lev. S. *O desenvolvimento Psicológico na Infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

YIN, Roberto K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.